

BORDIEU E SUA FUNDAMENTAÇÃO DA FUNÇÃO DE INTEGRAÇÃO CULTURAL DA ESCOLA

José Manuel Ruiz Calleja e Ana Sebastiana Monteiro
Universidad de Pinar del Río, Cuba

Partindo de uma crítica da perspectiva antropológica nas abordagens da Sociologia da Educação, Bordieu reconhece a insuficiência conceitual da função de integração moral atribuída nesta perspectiva à escola, argumentando a favor da função de integração cultural da instituição escolar, como mais completa, verdadeira e lógica.

Baseando-se na idéia de que nas sociedades dotadas de uma cultura erudita, as escolas, como instituições especialmente organizadas, transmitem esquemas lingüísticos e de pensamento como programas homogêneos de percepção e ação que refletem esta cultura, explica como a escola constitui o fator fundamental do consenso cultural nos termos de uma participação de um senso comum, entendido como condição da comunicação.

O autor assume que a integração cultural (lógica) da escola, tem o sentido principal de “programar” os indivíduos e que estes programas homogêneos de percepção, de pensamento e de ação, são o produto mais específico dos sistemas de ensino, a partir do qual estabelece uma relação essencial entre estes últimos e os sistemas de pensamento.

Nas análises e justificativas destas relações entre sistemas de ensino e sistemas de pensamento, no contexto da integração cultural como função das instituições escolares, Bordieu faz abordagens diversas, argumentando também numa perspectiva histórica, como o sistema de ensino escolar tornou e torna verdadeiramente compreensíveis os esquemas de pensamento de uma época, consagrando-os como hábitos de pensamento comuns a uma geração.

Assim concebida a cultura como um conjunto comum de esquemas fundamentais, assimilados principalmente pelos indivíduos na escola, cada um deles adquire uma disposição geral geradora de esquemas particulares, aplicáveis a seu pensamento e ação, nos espaços de sua prática social, o que ele denomina de *habitus cultivado*.

Embora não assume a escola como origem e geradora absoluta da cultura, proclama sua função modificadora do conteúdo e do espírito da cultura por ela transmitida, visando especialmente transformar o legado coletivo em um inconsciente individual e comum.

Sobre as análises anteriores, alias concebendo a influência especial da escola sobre os pensadores e as escolas de pensamento, aborda por ultimo a relação com as culturas de classes. Ficam presentes os vínculos e influência dos esquemas (programas) de pensamento, transmitidos pela escola e sua função de integração cultural, colocando em foco às classes dominantes e a função da escola de consagrar a “distinção” das classes cultivadas como elite social.

Como representante, provavelmente o máximo, da corrente de pensamento reprodutivista, Bordieu define a função da escola em serviço da burguesia, considerando que determinadas relações estruturais fornecem as relações padronizadas e os sistemas simbólicos de classificação e categorização que

organizam os espaços sociais onde ocorre a prática, outorgando-lhe uma responsabilidade essencial à transmissão dos esquemas lingüísticos e de pensamento na escola.

Percebe-se em todo o texto como o conceito de integração cultural como função da escola, é abordado no contexto da sociedade dividida em classes, contribuindo para desmascarar as idéias tradicionais sobre a neutralidade da escola e destacando como a mesma reproduz as desigualdades sociais.

Nestas análises de Bordieu, a ação pedagógica é concebida como expressão dos interesses da classe dominante, que tem a função de estabelecer e manter sua concepção da ordem social através de um sistema de inculcação direta –esquemas lingüísticos e de pensamento– ou de exclusão indireta. Nesta linha de pensamento coincide com L. Althusser, também da perspectiva teórica reprodutivista, quem definiu a escola como o aparelho ideológico, por excelência, do estado, na sociedade capitalista. Em relação com o anterior, expressamos nossa concordância com tais apreciações, salientando que a escola nunca foi e de fato também não é hoje uma instituição despolitizada.

Destaca-se no texto, o pressuposto de como a participação numa cultura comum, considerada pelo autor como cultura erudita, constitui um dos fundamentos da cumplicidade profunda que une os membros das classes dominantes, ressaltando assim a cultura como o instrumento por excelência da integração da elite. Alias, salientando que todo ato de transmissão cultural implica necessariamente na afirmação do valor da cultura transmitida e, conseqüentemente, na desvalorização implícita ou explícita das outras culturas possíveis.

Tais apreciações servem de base para destacar as diferenças de classe e a segregação social, como características do sistema de ensino escolarizado, que não cumpre apenas a função de consagrar a distinção das classes cultivadas, senão que transmite uma cultura que separa, mediante diferenças sistemáticas, aqueles que possuem uma cultura erudita, fornecida pela escola, dos que apenas tiveram acesso á aprendizagem através das obrigações de um ofício ou através dos contatos sociais com seus semelhantes.

O conceito de cultura expresso por Bordieu, referido á cultura dominante ou burguesa, ainda quando seu enfoque assume evidentemente a teoria do conflito para analisar a sociedade, parece conduzi-lo a não reconhecer que a relação de dominação permanente que produz um *habitus cultivado* que leva á reprodução através da inculcação direta, implica mais numa reprodução social que na mudança das relações sociais. É assim que desestima o que poderíamos chamar de força revolucionaria da contradição entre os interesses de impor uma cultura dominante, ou erudita, ao dizer do próprio Bordieu, e os interesses específicos das classes dominadas contrários a uma atitude de obediência passiva na aceitação da ordem social estabelecida.

Nas análises das culturas de classe dentre determinadas relações estruturais, fica implícita sua consideração a partir da influência de uma classe específica, a dominante, e também como distingue diferentes propriedades de classe, umas ligadas à sua posição e outras ligadas à sua situação, baseando-se em que: “a situação de classe define o grau de variação, usualmente pequeno, deixado para as propriedades de posição”. (BORDIEU, ob. cit. p. 8).

Aborda principalmente o sistema de ensino superior francês, especialmente conservador, em termos de uma agência social reprodutora das relações sociais a serviço da classe dominante. Embora, a

ênfase dada ao sistema educacional e à escola, na perspectiva reprodutivista, concebendo a sua função de integração cultural como fundamentalmente reprodutora, originou muitas críticas a respeito do seu conservadorismo, característica que faz com que não concretize soluções da problemática analisada, pelo que coincidimos com A. Prost, em que elimina qualquer possibilidade de mudar a realidade social, tornando-se, pois, politicamente desmobilizadora.

Ainda quando descreve uma sociedade não harmônica, o conflito é visto com uma relação de dominação permanente, que leva a desconhecer possibilidades de mudança que podem ser observadas objetivamente a partir das contradições e oposição entre as classes dominantes e as dominadas em relação à escola.

Todo o expressado anteriormente não pretende ignorar no texto, que a contribuição no campo da Sociologia da Educação é tão evidente quanto importante, expressando com muita clareza o papel do sistema educacional como um agente de reprodução e segregação social. Embora, também seja evidente que o texto não facilita visualizar as possibilidades da escola e a educação como agente de transformação social.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1974

OLIVEN, Arabella. *A Paroquialização do Ensino Superior*. Petrópolis, RJ. VOCES. 1990.

Contactar

Revista Iberoamericana de Educación

Principal OEI